

A REDESCOBERTA DA ÁFRICA



**Transcrição de Conferência proferida por Maurício Waldman
no Centro de Estudos Africanos da USP, 25-06-2009**



**EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 18**

A REDESCOBERTA DA ÁFRICA ¹

ABERTURA DO EVENTO - PROFESSOR CARLOS SERRANO

Boa noite.

Como atividade para o dia de hoje, convidamos o Professor Maurício Waldman para palestrar sobre um assunto muito importante: A Temática Africana em Sala de Aula.

A ideia do evento foi fechar a edição do ano de 2009 do Curso de Difusão Cultural do Centro de Estudos Africanos (CEA) com uma atividade que não fosse uma aula regular e que tivesse a capacidade de finalizar o curso com uma contribuição essencial.

O Professor Kabengele Munanga, atual diretor do CEA, entendeu que seria pertinente convidar o professor Maurício para assumir esta responsabilidade.

Vocês já conhecem o Maurício de nome, pois foi citado ao longo das aulas do curso. O Maurício foi aluno desta universidade no curso de graduação em Ciências Sociais. Também desenvolveu na USP seu mestrado em Antropologia e seu doutorado em Geografia.

Ele colabora com o CEA desde 1982, participando dos cursos como professor desde 2004. É pesquisador africanista, autor de muitos textos sobre afro-educação e, além disso, possui muita experiência em cursos de capacitação.

Outra frente de atuação do Maurício é na questão ambiental, tema sobre o qual escreveu muitos livros e artigos, também atuando no movimento ambientalista e ocupando cargos como gestor na área ambiental.

Eu e o Maurício desempenhamos muitos trabalhos em comum. Escrevemos a quatro mãos a obra *Memória D'África*, da Cortez Editora, que sintetiza trinta anos de atividades conjuntas.

Como vocês poderão perceber, ele tem muito a dizer. Sua fala é alegre, descontraída e ao mesmo tempo, bem fundamentada. Esta é uma marca do Maurício.

Agradeço, pois ao Professor Maurício por atender ao convite do CEA. Passo então a palavra a ele.

CONFERÊNCIA DO PROFESSOR MAURÍCIO WALDMAN ²

Boa noite a todos.

Foi com enorme satisfação que recebi o convite do Professor Kabengele Munanga para estar aqui nesta noite com vocês para fechar, com uma conferência, o Curso de Difusão Cultural do CEA de 2009: Introdução aos Estudos de África.

Sem meias palavras, senti-me prestigiado pelo convite e é com muita honra que estou comparecendo a este evento.

Como é de conhecimento de todos, o CEA é uma instituição pioneira em escala nacional na divulgação de conhecimentos sobre o continente africano. O curso promovido pela entidade tem se posicionado como uma referência para uma coleção de atores sociais, dentre os quais o movimento negro e o professorado em geral.

Portanto, agradeço primeiramente ao Professor Kabengele e ao CEA pelo convite. Sou grato também pela gentileza do professor Serrano em me apresentar e fazer as honras da casa. Como ele mesmo disse nos conhecemos de longa data e realizamos muitas iniciativas em comum.

Na noite de hoje, estarei expondo, conforme programado, sobre A Temática Africana em Sala de Aula. Esta conferência é em conformidade com o que o Professor Serrano colocou, envolve grande responsabilidade. Vocês tiveram aulas ao longo de quatro meses e não sei qual foi o conteúdo exato que vocês usufruíram neste lapso de tempo. Contudo, conhecendo as atividades do CEA, sei da direção do debate e do sentido que perpassou na fala dos professores do curso.

Neste sentido, a responsabilidade recai mais em fazer um balanço final, em fazer uma exposição articulada com o que vocês já aprenderam e particularmente, em se tratando de uma atividade de encerramento de um curso, de abrir um entendimento para que todos prossigam na rota da afroeducação, de modo a contribuir a consolidação da cidadania e a construção de um país digno para todos os seus habitantes, em especial para a população afrodescendente.

Antes de iniciar, vou falar um pouco da minha trajetória e da minha produção intelectual. Até porque, esta última confunde-se com um percurso pessoal no campo das ideias. Assim, farei um breve comentário a respeito das publicações que escrevi ou participei como coautor, em especial das que possuem proximidade com o tema de hoje.

Quanto à bibliografia, encaminharei em breve uma série de indicações e sugestões de textos informativos, acadêmicos ou para debate em sala de aula. Entendo que são referências adequadas para aqueles que participaram de um curso como o promovido pelo CEA, tanto como fonte bibliográfica quanto subsídio para atuação em sala de aula. No que diz respeito a esta conferência, os que estão aqui presentes receberão em primeira mão o texto-base desta conferência, que posteriormente terá uma divulgação mais ampla.

Iniciando, pois os comentários sobre a minha produção primeiramente mencionaria a coleção que escrevi para Editora Suplegraf: *Geografia para o Ensino Fundamental*. Gosto de comentar sobre esta publicação porque sendo eu professor de geografia, a forma como a África é trabalhada no livro didático sempre me incomodou.

Vejamos: quando estudamos os continentes, qual é o primeiro a ser estudado? Todo mundo sabe, é a Europa. E depois, o que vem a seguir? É a América. Quando o professor esgota o capítulo de América, já estamos no meio do ano letivo e faltam outros três continentes para serem estudados.

Todavia, como se sabe no terceiro bimestre o continente estudado é a Ásia. Bem, quando a classe chega ao quarto bimestre, com o final do ano a vista, geralmente os conteúdos são sacrificados, os programas são sintetizados e se valoriza aquilo que é considerado mais importante, mais essencial, indispensável. Neste contexto, não é que muitas escolas optam por centrar suas atenções na Oceania?

Certo é que fica “restando” a África. Então como é que se faz para solucionar a pendência? Neste caso, para resolver o problema muitas escolas apelam para o famoso “trabalhinho”, quase sempre um questionário tipo pergunta e resposta para justificar a nota de aproveitamento. E isso apenas quando o tal do “trabalhinho” é solicitado.

Indo direto ao ponto: ninguém estuda a África! E uma das causas, é justamente a grade curricular tradicional. Porém, sendo eu um autor de livros didáticos, adotei uma postura radical para solucionar esta questão.

Na minha coleção de geografia, coloquei a África no primeiro capítulo, como matéria do primeiro bimestre. Nem mais, nem menos. Deste modo, ensinar sobre o continente se tornaria obrigatório. Pensei comigo mesmo: quero ver agora como vai ser!

Claro que a proposta causou certo rebuliço. Como seria cabível imaginar, muita gente não entendeu. Não faltou quem estranhasse uma organização dos capítulos de geografia dos continentes tendo a África como o primeiro ponto.

Indagavam-me: porque “logo a África” em primeiro lugar? Qual é a razão? Então eu respondia: a África é o berço da Humanidade; neste continente foram criadas as primeiras regras sociais, de estética, de organização política e transformação do espaço geográfico; na África se organizaram as primeiras civilizações, como foi o caso da egípcia.

Além do mais, o nosso país, conforme detalharei mais adiante, é intensamente africanizado. Pelo mínimo 40% da população do nosso país são afrodescendentes. Deste modo, porque começar o ensino da geografia dos continentes com a Europa? Absurdo, pois nós não somos europeus e não moramos na Europa. Seguramente, isto não faz nenhum sentido nem para o povo, nem para o estudante brasileiro e nem para ninguém. Só para quem considera que a Europa é o centro das atenções.

Outro aspecto é que mesmo quando o continente é estudado, quando o professor se dispõe a abrir espaço para o ensino do continente, quais são as informações que são passadas sobre a África? Será que o livro didático ajuda em alguma coisa? Contempla esta preocupação?

Neste caso, mencionaria além do meu material na Editora Didática Suplegraf, a Coleção do *Projeto Tecendo o Saber*, idealizado pelo Instituto Paulo Freire e editado sob os auspícios da Fundação Roberto Marinho e da Fundação Vale do Rio Doce, da qual fui um dos oito coautores.

Composta por doze livros e setenta e cinco vídeos, nesta coleção, na qual uma das minhas atribuições foi elaborar os conteúdos relacionados à África e sobre o negro no Brasil, trabalhei várias posturas que julgo fundamentais para uma atuação justa, séria e decente relativamente a afroeducação.

Em outras palavras, que devemos contestar as visões que circunscrevem a África na condição de um corolário de tragédias, de exotismo cultural, de primitivismo, de sofrimentos infindáveis, atraso social, econômico e das chamadas “guerras tribais”³, enfoques que repetidamente estão acompanhados de alguma iconografia trágica.

Tudo isso é em boa parte reforçado por uma mídia que constantemente atualiza as estereotipias imputadas ao continente. E estereotipia, devo recordar, é uma palavra que significa dar materialidade a algo que é imaginário⁴. Isto é, estamos lidando com

uma máquina de produção de imagens que foi e é responsável por gerar sofrimento e discriminação, cabendo a todos que atuam em sala de aula refutá-las e combatê-las.

Por exemplo, sempre me recordo que em 1996, durante uma viagem oficial do então Presidente Fernando Henrique Cardoso ao continente africano, uma importante emissora de televisão informou que o mandatário tinha chegado à Luanda, *na África*. “Na África”? Como assim “na África”? Pelo jeito, os responsáveis pelo noticiário ainda não tinham entendido que o continente contava com mais de 50 Estados independentes e que África, simplesmente não é um país.

Aliás, nunca escutei um repórter falar de Tóquio, na Ásia ou de Londres, na Europa! Eles falam da capital do Japão e do Reino Unido. Então deveriam noticiar Luanda como capital de Angola, por sinal, uma nação que como a Nigéria e o Benim, possui forte relação com o Brasil e que, portanto, não haveria como não ser referendada.

Pior ainda é perceber que esta tendência insidiosa aparece de vários outros modos. Ainda recentemente, no ano passado, um site de notícias da Internet apresentou numa manchete a informação de que o *Rally* Paris-Dakar teria sido suspenso por conta de “turbulências na África”.

Turbulência na África? Ora, o trajeto do citado *Rally* não percorre todo o continente e atravessa somente três países africanos: o Senegal, a Mauritânia e o Marrocos, dos quais apenas a Mauritânia apresentava na ocasião distúrbios internos. Assim sendo, porque então falar em turbulência *na África*?

Percebam que ninguém fala de jogo suspenso num campeonato de futebol motivado por conflitos na América do Sul ou na Europa Ocidental. Comenta-se, é óbvio, sobre o país onde o problema está acontecendo. Mas não o continente ou região.

Neste prisma, o que se tem é um preconceito fortemente enraizado na sociedade, catalisado ou reforçado pela rede midiática e pelo aparato de informação, sendo nossa missão como educadores repudiar a todo instante a propensão sistematizada em desqualificar o continente africano.

Destaque-se que esta tendência não existe somente no plano dos meios de comunicação, que reproduzem, conforme sugeri, uma ideologia discriminatória que contagia larga porção do edifício social brasileiro. Ela também se faz presente no plano das ideias, das interpretações que em nome da ciência se colocaram a serviço da submissão da África e dos africanos.

Daí que além do ativismo social, é preciso igualmente combater o racismo com produção acadêmica. Foi assim que terminei me envolvendo com a elaboração de obras de capacitação como *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula* e de *papers* e artigos populares centrados na questão da discriminação racial e do conhecimento africanista.

Dentre os textos que escrevi, faço notar os publicados pela revista GeoUSP, do Departamento de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de São Paulo e pela revista África, editada pelo CEA.

Nesta última revista, publiquei o artigo *Africanidade, Espaço e Tradição*, um trabalho de conclusão escrito em 1993 para o curso do professor Fábio Leite, daqui do CEA. O foco deste *paper* é a oralidade e topologia tradicional africana tendo por base o relato *griot* ⁵ sobre o imperador Sundjata Keita, do Império do Mali.

Para muita satisfação de minha parte, no ano de 2007 este texto foi considerado internacionalmente relevante pelo *Centre National de La Recherche Scientifique* (CNRS), o maior e mais influente organismo de pesquisa científica pública do governo francês ⁶. Confesso que me senti extremamente gratificado com essa indicação. Trata-se, devo enfatizar, de um dos raros textos acadêmicos nacionais agraciados com esta verdadeira honraria, um *paper* publicado primeiramente pelo CEA ⁷.

Valeria também à pena mencionar que trabalho com outras temáticas, dentre as quais as relacionadas com a questão ambiental. Ao contrário de muitos acadêmicos, não me restringi a dar aulas ou produzir textos, pois sou igualmente um veterano da mobilização ecológica no Estado de São Paulo.

Conforme costume dizer, ecologia é um modo e não um meio de vida. Mais ainda: quem fala de ecologia tem por obrigação que praticar esta ideia, e não se resumir a sugerir sucedâneos de atitude e falar sobre coisas que não quer e nem sabe colocar em prática.

Assim, se alguém daqui da sala ouvir falar da minha pessoa como ambientalista, não pense tratar-se de algum engano ou de algum homônimo. Sou africanista e sou ecologista, com muitos livros e artigos publicados na área ambiental.

Nesta área, meu mais recente lançamento é o livro *Meio Ambiente & Antropologia*, publicado em 2006 pela Editora do Serviço Nacional do Comércio (SENAC). É um material que traz informação e discussão sobre a relação das sociedades com o meio natural, inclusive no que tange à África tradicional.

Na problemática com o meio ambiente, meu foco central atende para as questões que julgo dizerem respeito aos cidadãos que habitam as metrópoles. Dentre estas, particularmente as temáticas do meio urbano, da educação ambiental, da água potável, do lixo e da matriz energética.

De resto, sou frequentemente entrevistado e inclusive, fui matéria de capa na revista Ambiente Urbano, do Instituto Triângulo, com a qual mantenho muita sintonia em termos do entendimento da questão ambiental.

Por fim, maiores informações, capítulos de livros, textos, entrevistas e artigos com base na minha atuação podem ser encontrados na minha página pessoal na Internet: *Maurício Waldman - Textos, Cursos e Projetos*, www.mw.pro.br, que está no ar desde 2002.

Isto posto e indo ao que interessa, vou primeiramente polemizar sobre a questão da imagem que é construída sobre a África e sobre as estereotípias que lhes são impostas.

Trata-se de um processo que formata uma percepção pejorativa que se transforma em uma verdade tendo por estratégia básica a repetição. Neste sentido, uma polêmica interessante refere-se à própria forma como o conhecimento cartográfico construiu a imagem do continente e os pressupostos culturais que referendam ideologicamente a exclusão dos africanos.

Observando-se, por exemplo, as fotografias de alta resolução como as que foram obtidas em 1972 pela missão espacial Apolo 17, da NASA, se torna evidente que a África forma uma manifesta entidade geoespacial em seu *stricto sensu* (Figura 1).

Trata-se da mais coesa e compacta massa continental do mundo. Sua vastidão é notória. A África equivale a 25% do total de terras emersas do globo, ou seja, uma quarta parte do total. Dito de outra forma: é impossível não perceber que a África existe. Repito: impossível!

Outra nuance que podemos destacar quanto à configuração territorial da África, é o fato de estar cercada por todos os lados por imensas massas oceânicas. É como se o continente fosse uma ilha gigantesca, ligada ao Oriente Médio e ao Velho Mundo somente pelo Istmo de Suez, cortado desde o século XIX pelo canal homônimo idealizado por Ferdinand de Lesseps.



FIGURA 1 - Tomada fotográfica da Terra a uma distância de aproximadamente 55.000 quilômetros da Terra pela tripulação da nave espacial Apolo 17 em 07-12-1972, com o continente africano em destaque (Fonte: < <http://www.globalgeografia.com/satellite/africa.jpg> >. Acesso: 10-12-2017)

Por outro lado, contestando uma mitologia difusa no imaginário da desqualificação da África, isto não significa que o continente tenha permanecido em isolamento do resto do mundo. Caso assim fosse, os humanos, que como sabemos constituem uma espécie que surge primeiramente na África, não teriam povoado outros recantos do Planeta.

Na realidade, historicamente os africanos mantiveram contatos com povos de outros pontos do globo e os intercâmbios culturais foram intensos. Fluxos e refluxos de migrações, geralmente por pequenos grupos e de modo não violento, foram lentamente sedimentando contribuições culturais de todo o tipo, de modo que a influência do continente se alastrou por um vasto entorno geográfico, contribuindo para modelar diversificado rol de fisionomias culturais.

Porém, se a presença física da África no mundo se impõe, conforme foi colocado, por si mesma, como será que esta relevância foi consignada no imaginário social? Inegavelmente, os nossos olhos ao verem a África nas fotografias de satélite não podem deixar de captar sua grandiosidade.

Todavia, será que aquilo que os nossos olhos percebem corresponde à imagem construída sobre esta massa continental? Bem, para responder esta pergunta devemos recorrer à análise sobre a forma como a produção cartográfica europeia construiu a imagem do continente. Neste particular, é possível notar um claro regime de exclusão simbólica do continente, que se consolidou ao longo da história de um modo cada vez mais claro, constituindo uma das manifestações mais pungentes da desqualificação dos povos e culturas da África.

O famoso Mapa dos Salmos, ou *Psalter*, datado de 1250, é uma das alegorias cartográficas que ilustram este código topológico de exclusão, evidenciando uma série de estereótipos que até hoje estigmatizam o continente inteiro (Figura 2).

Neste mapa, aparece claramente a indicação do Paraíso e de Cristo, redentor da Humanidade, acompanhado de dois anjos alourados, posicionados na parte superior do mapa, posicionados na direção Norte abençoando a Terra. Nesta carta, Jerusalém está postada bem no centro de uma representação circular dos continentes, com a Europa (à direita de Cristo) e a Ásia (à esquerda), encimando a imagem e a África, plotada na periferia inferior da representação.

Por sua vez, acatando uma pretensa genealogia baseada em relatos bíblicos, esta carta geográfica enquadra a África na posição Sul, definida como um “continente negro e monstruoso”, presumivelmente ocupado pelos descendentes de Cam, personagem considerado amaldiçoado pela tradição bíblica ⁸.

O ideário religioso que perpassa por esta construção cartográfica articula um código espacial impregnado com traços meliorativos e pejorativos, através dos quais os diferentes povos são dignificados ou rebaixados. Fato evidente, nesta construção imaginária a África está retratada como um conjunto de terras *situadas abaixo do*



FIGURA 2 - O Mapa dos Salmos incorporava o divino como elemento consagrador do espaço terrestre. A referência axiológica para a definição dos continentes é tomada da Bíblia, com os filhos de Noé ocupando os continentes: Jafé (na Europa), Sem (Ásia) e Cam (África). Chama a atenção a imagem de um Cristo arianizado, qual seja, alto, alvo, louro e com fenotípiia europeia. Note-se que embora inexistam elementos a comprovar as feições de Cristo, parece evidente que este, sendo judeu (isto é: um semita), quase certamente não era loiro (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 11-07-2017)

espaço europeu, na subalterna posição Sul. Portanto, simbolicamente estigmatizada como *inferior*.

Além da marca da inferioridade, neste esquema simbólico o continente incorpora muitos outros estigmas pertinentes a um jogo de oposições binárias radicais, um modelo típico da inculturação ocidental.

À noção de inferioridade, o continente também agrega a condição de ser atrasado (em oposição a desenvolvido), tórrido (em oposição a temperado), irracional (em antinomia à razão), sob domínio da natureza (em contraposição ao espaço artificial), externo (em dissociação ao que seria interno), selvagem (em oposição a civilizado), negro (em oposição a branco), infernal (em oposição ao que seria celestial) e assim por diante.

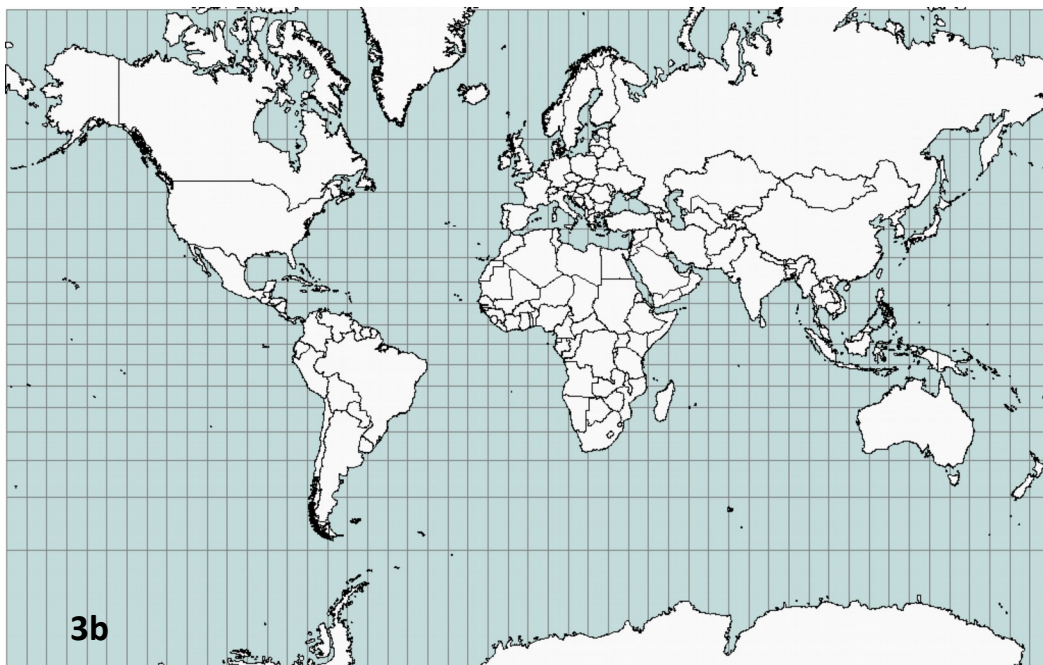
Contemplado com estigmas de subalternidade, o continente passou a aludir formas de representação voltadas para confirmar esta visão excludente junto aos mapas.

Recordo que a despeito de serem considerados como “peças técnicas”, que os mapas acima de tudo condensam uma imagem socialmente construída do mundo. Assim, se observarmos atentamente o mapa mundi confeccionado na Projeção de Mercator ⁹, criado no bojo da expansão mercantilista, podemos perceber a reedição de velhos mitos, tais como os credenciados no Mapa dos Salmos.

O Mapa de Mercator consagra à Europa a sugestiva posição Norte, superior dos mapas, prerrogativa esta reforçada agora pela centralidade. Com efeito, todos os continentes estão representados ao redor do europeu, que majestosamente impera subordinando os demais.

Esta disposição “clássica” dos continentes tornou-se, desde os antigos gregos, uma espécie de indisputado senso comum cartográfico. Isto é facilmente comprovado quando passamos os olhos em qualquer atlas escolar ou obra didática de geografia ¹⁰. Assim sendo, repetida à exaustão, a imagem das terras emersas estabelecida pela antiguidade clássica, conquistou foro de verdade inquestionável (Figuras 3a e 3b).

Outro aspecto cabal que denuncia a desqualificação é o que se refere às imagens nos mapas, que decorrem a partir de determinadas projeções cartográficas. Sabe-se muito bem, a transposição da imagem de uma esfera tridimensional (no caso, a Terra) para um plano bidimensional (o planisfério ou mapa) forçosamente envolve distorções, atenuadas ou exaltadas em função do tipo de projeção que utilizamos.



FIGURAS 3a e 3b - O Planisfério de Ptolomeu (circa 150 d.C.), apresentado na cópia do cartógrafo alemão Johannes Schnitzer, do ano de 1482 (Figura 3a), corresponde à forma de representação do ecúmeno pela antiga cartografia greco-romana, configuração modelar para o Planisfério na projeção de Mercator (Figura 3b), que nesta versão, acata a divisão política do globo no ano 2000. O mapa de Mercator claramente repete a fórmula de Ptolomeu de valorizar a europeidade no mapa mundi (Fonte: respectivamente < <http://southwritlarge.com/articles/north-as-up/> > e < <http://gis.stackexchange.com/questions/> >. Acesso: 12-04-2017)

Mas, uma vez que existem formas alternativas para representar o mundo, faria sentido interrogar sobre a pertinência das representações que nos são oferecidas ao olhar no nascedouro do nosso desenvolvimento pedagógico.

Essa consideração é importante, pois, com efeito, a primeira imagem que experimentamos a respeito da África é aquela que nos é descortinada pelo Mapa Múndi nos primeiros anos da nossa vida escolar. Nesta linha de argumentação, podemos, por exemplo, comparar a projeção de Mercator com a de Gall-Peters ¹¹, que nas décadas finais do Século XX conquistou influente notoriedade (Figura 4).

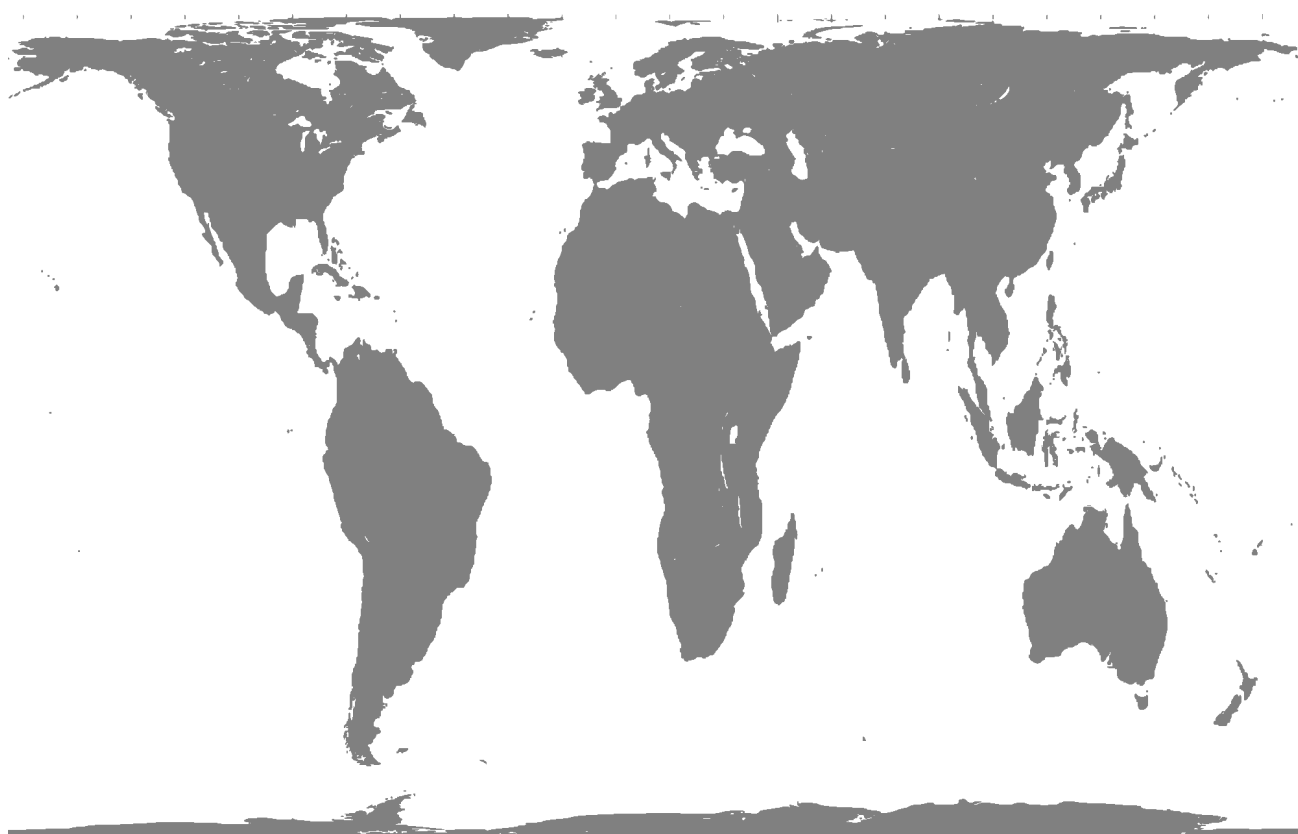


FIGURA 4 - O Planisfério terrestre tal como representado na Projeção de Gall-Peters, configurando imagem discrepante das projeções tradicionais por salvaguardar, grosso modo, proporções mais próximas do real para os continentes, ressignificando deste modo a construção e a percepção do espaço terrestre (Fonte: < <https://futuremaps.com/blog/projecting-the-world-part-2> >. Acesso: 13-04-2017)

Ora, comparativamente à África chamaria a atenção de qualquer observador quão vasto se torna o continente europeu na proposição de Mercator assim como no sentido contrário, o quanto a Europa retrai em Gall-Peters. Em paralelo, a África amplia imensamente sua expressão espacial neste último mapa, enquanto que a Europa recua para dimensões mais próximas de sua expressão geográfica real em Gall-Peters.

Outro exemplo é a Groenlândia. Esta ilha, embora possuindo uma área quatorze vezes menor do que o continente africano aparenta no Mapa de Mercator ser pelo mínimo equivalente à África em extensão. Já no Mapa de Gall-Peters as dimensões dessa ilha, mais próximas da realidade, são bem diferentes, isto é, muito inferiores às da África.

Apesar de projeções como as de Gall-Peters recuperarem imagneticamente uma representação mais próxima do real no referente às dimensões dos continentes, retenha-se que são abundantes os mapas que inferiorizam a magnitude espacial do continente africano. Assim sendo, nunca seria demasiado investigar o tipo de projeção do mapa que estamos estudando ou expondo aos alunos. As diferenças, a começar pela comparação com as imagens de satélite, podem ser gritantes!

Evidentemente, esta máquina de dominação ideológica não se restringiu à percepção do continente, se estendendo também aos seus habitantes. Alavancado pelo comércio de escravos, o racismo tornou-se indissociável de um imaginário de exclusão, patente na totalidade do edifício social, fato que de resto, é atestado por meio de inúmeras peças culturais.

Uma das que podemos citar é o quadro *A Redenção de Cam* (1895), do pintor Modesto Brocos, artista espanhol radicado no Brasil. Trata-se de uma imagem emblemática da discriminação, um quadro pintado num momento no qual o país acelerava o processo de implantação do trabalho assalariado com base na imigração, uma política que de resto, atendia ao desejo das elites em “embranquecer” o país (Figura 5).

O quadro mostra em seu centro uma mãe mestiça segurando seu filho branco, com uma avó negra abençoando o rebento, implicitamente simbolizando a libertação da amaldiçoada condição de camita.

Conclusão: a redenção apenas existe quanto os negros se tornam brancos! Pois bem, demonstrando a incrível força e virulência dos estigmas impostos ao continente e aos seus povos, notem que são mais de sete séculos que separam este quadro do Mapa do Salmo. Todavia, os códigos culturais de exclusão são absolutamente os mesmos!

Claro está que num país como o Brasil, todo ele perpassado pela Africanidade, o preconceito racial torna-se particularmente grave. Uma vez que as influências africanas estão disseminadas em todos os ângulos da realidade nacional, cria-se uma



FIGURA 5 - *A Redenção de Cam*, de Modesto Brocos, tela exposta no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro (Fonte: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam> >. Acesso: 21-11-2017)

relação contraditória e esquizofrênica com a nossa identidade enquanto povo, nação e cultura, com a nossa própria forma de ser e de entender o mundo.

Vamos ver então: a corporalidade do brasileiro é africana; nossa forma de falar revela influência dos povos africanos; no plano da religiosidade, das crenças, do folclore, da dança, da música e em muitos outros ângulos da nossa cultura, todos nós somos africanos.

Daí que costumo dizer aos meus alunos que ninguém precisa ir para a África para conhecer o continente. Basta conhecer melhor o que nós somos e reconhecer o que está à vista de todos.

É claro que o nosso sistema de ensino não trabalha neste sentido. Pelo contrário, as crianças aprendem na escola uma história europeia e uma geografia que legitima objeções espaciais que adjetivam negativamente o continente. Reconhecidamente, precisamos colocar um ponto final nesta sucessão de absurdos. Para tanto, devemos começar a olhar o país com outros olhos, preferencialmente de modo imediato.

Para começo de conversa, do ponto de vista geológico o Brasil e a África, 300 milhões de anos atrás, faziam parte de uma mesma massa continental. Por isso, no âmbito da geografia física, encontramos tantas analogias nos dois lados do Oceano Atlântico. Paralelamente, ambos compartilham uma extensa relação de dados naturais, que contribuem para irmanar o continente africano e o nosso país.

Nesta perspectiva, um dado essencial reporta ao domínio da tropicalidade. O Brasil e o continente africano constituem as duas maiores superfícies terrestres banhadas pelo Sol. O Brasil é o maior país solar do mundo e as terras africanas, o maior domínio continental banhado pelos raios do astro-rei.

A condição de tropicalidade do continente é de resto manifesta quando se sabe que as linhas dos Trópicos - de Câncer e de Capricórnio - enquadram 80% da África na faixa intertropical.

Aliás, o próprio nome “África” denunciaria esta condição solar: sua origem provém de uma palavra berbere - *Afri* - que mais tarde se desdobrou em África. Embora de difícil averiguação, o significado do termo, de acordo com vários autores, relaciona-se com a ideia de ausência de frio, de calor.

É a forte presença da tropicalidade que explica a existência de paisagens naturais homólogas nos dois lados do Atlântico: savanas na África e cerrados no Brasil;

floresta amazônica de um lado, e a floresta congoleza e guineense do outro; também encontramos manguezais nas duas margens do grande oceano; outra similaridade são as formações lagunares, as vegetações de espinhosas e campos limpos; isto sem contar os tipos de solo e características climáticas, que fundamentalmente explicam as identidades e similaridades da natureza brasileira e africana.

Exatamente por esta razão encontramos muitas, mas muitas mesmo, variedades de plantas que foram trazidas da África e se tornaram brasileiras de corpo e alma. Seria quase impossível reconhecer o ambiente brasileiro de hoje na ausência de espécies oriundas do continente irmão ou que lá primeiramente se aclimataram antes de chegar ao solo brasileiro.

Fato incontestável, porém raramente lembrado, as plantas trazidas do continente africano ajudaram a modelar o espaço brasileiro de um modo irreversível. Dentre outras espécies trazidas da Mãe África, podemos mencionar: o coqueiro, a banana, a ráfia, o karitê, a manga, a cevada, a camomila, o milhete, a melancia, o tamarindo, a bucha, o jiló, a mamona, a espada de são Jorge, o chapéu de praia, o boldo, o inhame, o hibisco, o dendê, a jurema, a liamba, o sorgo, o painço, o guandu, o quiabo, a malagueta, o manjerição, a babosa, o gengibre, o maxixe, a violeta, a figueira, a papoula, etc.

Recordemos que esta relação poderia ser prolongada com dezenas ou mesmo centenas de outros itens. Por exemplo, a implantação da pecuária contou com muitas espécies de capim que foram transplantadas para cá. Quando as pessoas olham para as pastagens do meio rural brasileiro, estão na realidade diante de uma paisagem onde a África está presente. Os nomes de muitas gramíneas comprovam esta origem africana: Capim Quênia, Kikuio, Guiné, Tanzânia, etc.

Tomamos café de manhã, desfrutamos do seu sabor. Pois bem, este gosto tem origem na África. Ele é proveniente da Etiópia, da região de Kaffa, que como vocês podem perceber, explica o nome desta planta notável. Quando tomamos cerveja, ninguém recorda que esta bebida já era consumida no Egito antigo, isto é, na África. Aí eu perguntaria: é possível conceber o mundo moderno sem café e sem cerveja?

Outro detalhe interessante é que somos o país que mais consome arroz no mundo fora da Ásia, uma tradição que muitos imaginam ser oriunda dos imigrantes orientais, coreanos, chineses e japoneses.

Mas não é nada disso. Quem nos ensinou a gostar de arroz foram os africanos e não os asiáticos. E não só gostar: foi com os africanos que aprendemos a fazer o arroz.

Em muitas regiões da África ocidental, o arroz é feito do mesmo modo que no Brasil. Um refogado de alho e cebola ao qual se adiciona o cereal lavado, sal e água.

Para completar, as mudas que garantiram a expansão pioneira da rizicultura no Brasil eram provenientes da África e não da Ásia. Trata-se de uma cepa africana conhecida ainda hoje em muitos pontos do território nacional como arroz quilombola, um arroz da resistência, um arroz que permaneceu recordando o vínculo ancestral com as terras do outro lado do Atlântico.

Como lembra o memorialista Alberto Costa e Silva, a escravidão, cujos nefastos significados tanto marcaram a história dos africanos e dos afrodescendentes, não se restringe ao tráfico de africanos para o trabalho escravo na monocultura.

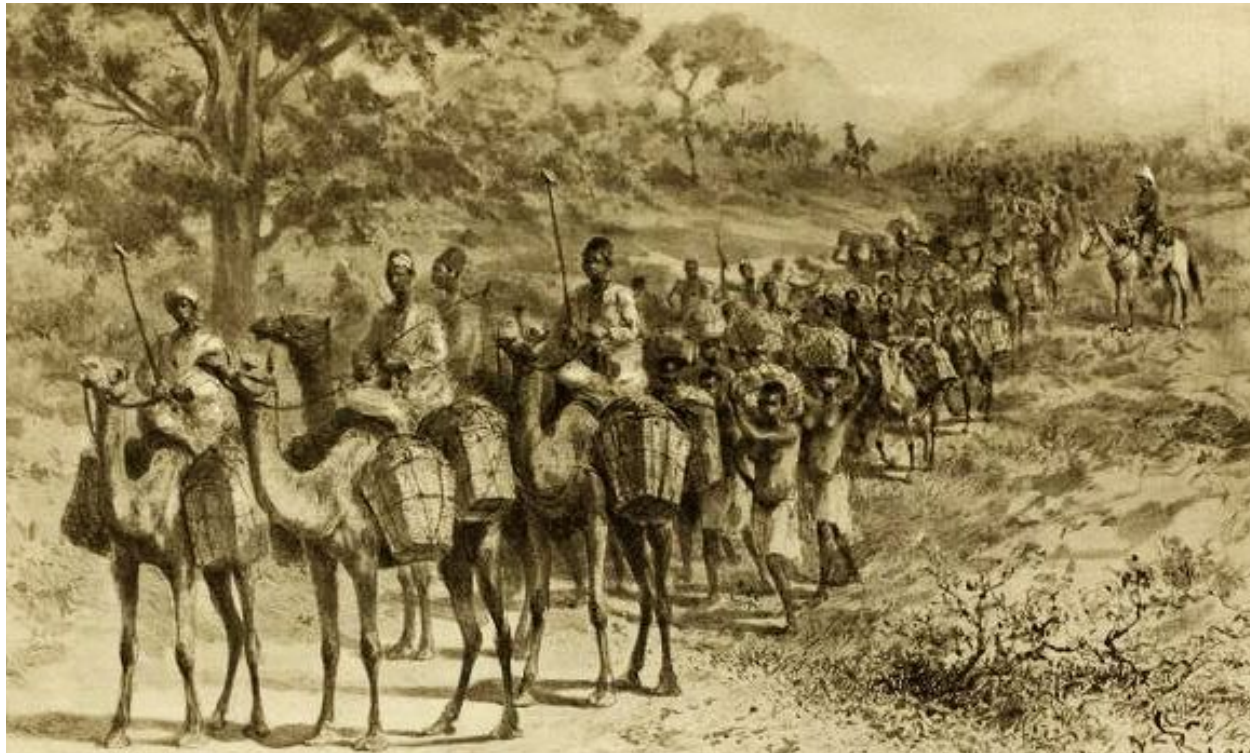
O comércio de escravos trouxe pessoas em carne e osso, com coração, inteligência, com sua própria fé religiosa, com sentimentos. Trouxe sua cultura enfim. O Atlântico tornou-se durante séculos uma estrada líquida através da qual, muitas influências do continente passaram a medrar no nosso país.

Fato pouco recordado, o Brasil importava sabão da África, principalmente por conta dos bons hábitos de higiene dos escravos. Nos navios, se transportavam fardos de panos da costa, que atendiam um mercado formado pelos africanos escravizados e descendentes.

Chegava igualmente a noz-de-cola, que em razão do seu efeito neuroestimulante, ajudava a amenizar as dores do chicote e da dureza do trabalho escravo. Além disso, este fruto, que chegava a nós em carregamentos procedentes do Golfo da Guiné, tinha - como ainda tem - um papel privilegiado nas religiões que continuaram, aqui no Brasil, a honrar as divindades religiosas vindas do outro lado do Atlântico. Para quem não sabe, trata-se do *obi* (Figuras 6a e 6b), de proeminente papel nas religiões afro-brasileiras.

Outra informação, registrada pelo antropólogo Câmara Cascudo em sua notável obra *História da Alimentação no Brasil*, é que muitas espécies vegetais e animais foram aqui introduzidos enquanto verdadeiras armas da resistência negra.

Aí notamos o papel dos *Babá Ossaym*¹², peritos em ervas trazidos para cá durante a escravidão, que em muitos casos encomendavam ingredientes do outro lado do Atlântico para elaborar o que era chamado de “amansa senhor”, venenos poderosos que tiravam de cena - para sempre - latifundiários e capatazes que espezinhavam os escravos.



FIGURAS 6a e 6b - As nozes-de-cola (Figura 6a) integram várias práticas espirituais e culturais da África Ocidental, usadas como item religioso em oferendas sagradas durante orações, veneração de ancestrais e eventos significativos da vida comunitária, tais como cerimônias de nomeação, casamentos e funerais. Este prestígio animou um comércio tradicional do produto em toda a África do Oeste, com caravanas que distribuíam a noz-de-cola através de amplas redes de distribuição (Figura 6b). (Fonte: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 21-11-2017)

Pois então, inúmeras das espécies contrabandeadas se aclimataram no Brasil e quando as vemos, nem sequer passa pela nossa cabeça que viajaram por vigorosos braços de mar antes de alcançarem as nossas praias e se tornarem brasileiras.

Mais uma referência comum que a África compartilha com o Brasil é o fato de constituir um formidável manancial de riquezas naturais. O continente concentra três países megadiversos: Madagascar, a República Democrática do Congo (RDC) e a República Sul Africana (RSA). São africanos cinco icônicos exemplares de megafauna: o hipopótamo, a girafa, rinoceronte branco, rinoceronte negro e o elefante.

Muitas espécies de cereais e de outras plantas domesticadas pelo homem são originárias de regiões como o planalto da Abissínia, na Etiópia, considerada um dos mais proeminentes viveiros de espécies úteis para a Humanidade. O continente é de igual modo um grande espaço produtor de café, alfarroba, chá, cacau, borracha, vinho, bovinos, ovinos, lã e madeira.

O subsolo da África é espantosamente prodigioso. As jazidas de minérios fazem com que muitos países africanos se destaquem na produção de diversos minérios essenciais para a indústria mundial.

Exemplificando, a RSA é a 1ª colocada na produção de ouro, 2ª em manganês, 3ª na de urânio, 6ª na de carvão e 8ª em ferro; a Namíbia é o 5º produtor mundial de urânio, enquanto que o Níger é a 7ª colocação e o Gabão, a 8ª; a RDC é o maior produtor mundial de diamantes; a Guiné-Conacri, a 3ª maior produção de bauxita. No caso do minério de manganês, o Gabão ocupa a 6ª posição, Gana a 8ª, a RDC a 9ª e Nigéria a 10ª.

A África atende atualmente por quase um quarto das demandas norte-americanas de petróleo, sendo também a mais promissora área de exploração de hidrocarbonetos do mundo atual. Por fim, num mundo que se defronta com a questão do estresse hídrico, sete países africanos - a saber: Angola, Camarões, Chade, Mali, Gabão, Congo e RDC - são em potencial, provedores mundiais de água doce.

Esta pujança justifica que os africanos considerem o continente como uma autêntica arca do tesouro, regurgitando de riquezas, cobiçadas pelos europeus logo nos primórdios das chamadas “grandes descobertas”. Imbuídos do desejo de tomar posse destes recursos, é que se fez necessário construir uma argumentação que legitimasse um regime de dominação.

Neste sentido, para explorar o trabalho das populações locais e se apossar dos bens naturais do continente, os europeus procuraram a todo custo provar uma pretensa incapacidade dos povos africanos em criar cultura e tirar proveito destas riquezas. Era necessário demonstrar que a civilização estava ausente da África e que o homem branco deveria, até mesmo para o próprio bem das populações locais, dominar o continente.

A mitologia cultivada pelos círculos preocupados em saquear a África não tardou em contaminar a cultura europeia como um todo. Tornou-se um dado amplamente assimilado pelos mais diversos grupos sociais, posteriormente repassado para os contextos nos quais a civilização ocidental esteve presente.

Deste modo, ainda hoje podemos identificar estigmas seculares num variado universo de peças culturais. Basta prestarmos atenção ao que acontece à nossa volta. Por exemplo, poucos anos atrás foi divulgada uma propaganda da Hellmann's com a imagem estereotipada de um africano acompanhada de um bordão de extremo mau gosto, afirmando que "até os canibais" comeriam a maionese desta empresa.

Ora, trata-se do velho mito dos africanos comedores de gente, uma fábula perversa montada muitos séculos atrás e que em pleno século XXI, ainda encontra quem consiga acreditar neste disparate.

Aliás, quem não conhece a imagem de africanos rodeando um caldeirão fervente cozinhando algum infeliz explorador europeu, encontrada a rodo nos desenhos animados? Quem desconhece a imagem da africana com uma tibia no cabelo a guisa de enfeite? Quem é que nunca assistiu filmes de terror tendo a África por cenário? Ou deixou de ler história em quadrinhos estigmatizando as religiões tradicionais do continente? Quem não conhece personagens como o Tarzan, o Fantasma e o Mandrake, todos claramente constituindo formas pouco sublimadas a expressar o mito colonialista da superioridade do homem branco?

Pior: a indústria cultural racista não se limitou a peças de propaganda para o público leigo. Pelo contrário, também se dedicou de modo apaixonado a negar qualquer traço de civilização relacionado com a África e seus povos por meio de uma literatura rubricada como "científica".

Seria possível resumir esta determinação pelo paradigma de que nada é devido à África ou aos africanos. Os povos do continente nada criaram, nada construíram e nada descobriram. A África enfim, não serve para nada.

Existe uma intensa propaganda que celebra o conjunto megalítico do Stonehenge, na Inglaterra. Todos os anos, milhões de turistas visitam este notável alinhamento de grandes rochas talhadas pelo homem pré-histórico.

Mas quantos aqui mesmo nesta sala sabem que na África existem disposições megalíticas que pelo mínimo, são vários séculos anteriores à Stonehenge? Por que não existem comentários sobre o conjunto de Nabta Playa (Figura 7), localizado no Norte da Núbia e que no V Milênio a.C. manifestava claro intento de calendarização astronômica? Uma vez mais, a lacuna de informação revela muito do intuito da máquina midiática existente!



FIGURA 7 - Círculo megalítico de Nabta Playa, localizado na Núbia egípcia, um dos mais antigos conjuntos arqueoastronômicos de que se tem registro, provavelmente construído pelos ancestrais dos egípcios (Fonte: < <http://www.archaeo3d.com/en/3-cesty-neolitizace/pozoruhodna-africka-cesta/nabta-playa---kamenne-kalendarium-/> >. Acesso: 22-11-2017)

Por outro lado, mesmo quando diante de contribuições indiscutivelmente enraizadas no continente, note-se que estas foram analisadas pelos especialistas ocidentais como estranhas ao contexto africano. Teriam sido importadas ou imitadas de outros povos, todos os quais, é evidente, seriam extra-africanos.

Assim, os grandiosos impérios sudaneses do Ghana, do Mali e do Songhai apenas teriam surgido em razão do contato com os comerciantes árabes muçulmanos; o reino de Kush, não teria origem autóctone, mas sim, seria decorrente da chegada de

chefes brancos líbios, sendo a decadência deste Estado, explicada pela miscigenação com “elementos negróides”.

Na mesma linha de interpretação, os famosos bronzes do Benin, de acordo com críticos de arte britânicos, seriam obras de encomenda de reis negros, entretanto, executadas por artífices estrangeiros - árabes e persas - em vista de, é claro, ser impossível aos africanos a elaboração de refinadas peças de arte, fato considerado fora de cogitação.

E o que dizer então da civilização egípcia? Na historiografia europeia clássica, o Egito Faraônico, não teria nada, absolutamente nenhuma ligação com a África! Isto a despeito da própria geografia explicar o povoamento e o surgimento desta civilização a partir das levas migratórias de populações que fluíam pelo rio Nilo, do *hinterland* continental na direção do Mediterrâneo.

Por sinal, é exatamente por esta razão que os traços de muitos egípcios dos dias de hoje denunciam relacionamentos étnicos de longa data com o interior da África, cuja antiguidade, é para mais, revelada por inumeráveis peças arqueológicas (Figura 8).

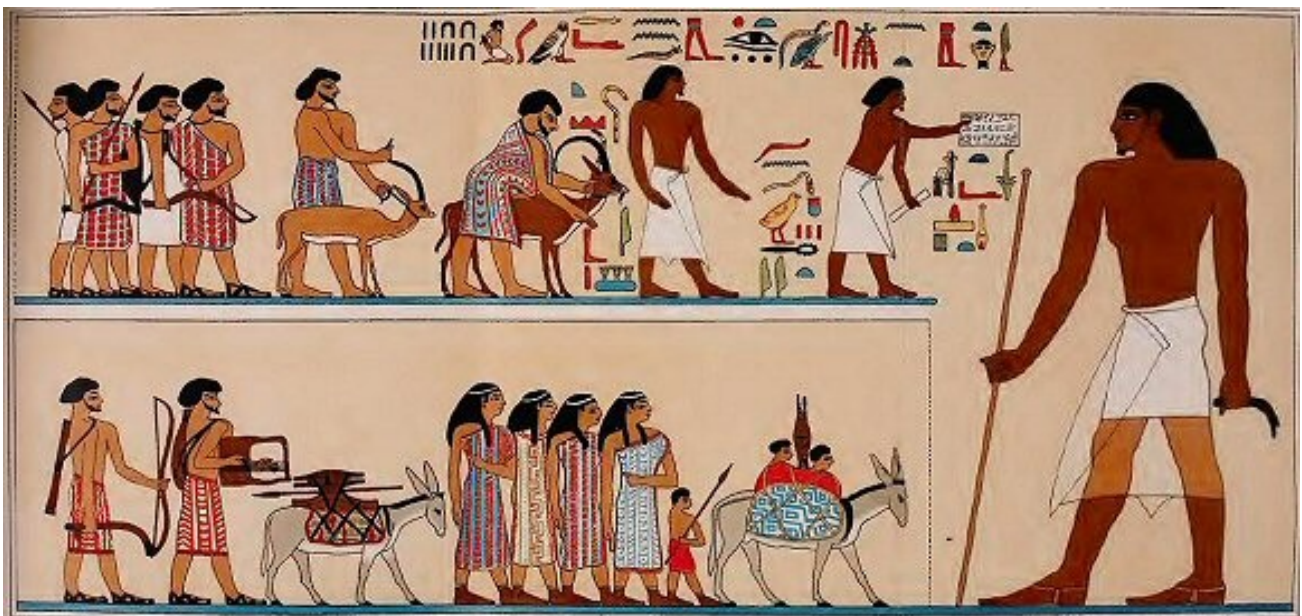


FIGURA 8 - Os famosos murais do nomarca Khnumhotep II, da 12ª Dinastia (1919-1783 a.C.), retratando um grupo de pastores semitas chegando ao Egito. Notar a diferença de pigmentação que contrasta o grupo de recém-chegados com funcionários egípcios, clara evidência de que os próprios egípcios não se consideravam brancos (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 11-09-2017)

Porém, a ciência europeia teimosamente explicou que o Egito seria uma civilização branca, e dependendo do pesquisador, até mesmo “ariana”. A produção tradicional

de Hollywood se incumbiu da tarefa de nos apresentar faraós bancos, loiros e de olhos azuis. A gente começa até a pensar que o Egito antigo era povoado por suecos e alemães!

Quanto ao povoamento do Egito, em desafio completo às pré-condições geográficas, este teria ocorrido, à revelia do que a história evidencia, da foz na direção da nascente do Nilo. Isto é, no sentido contrário ao seu fluxo, um caso único em todas as grandes civilizações erguidas em vales fluviais... Seria o caso de indagar: como foi possível a ciência europeia chegar a este ponto?

É de se notar que esta propensão em levantar objeções cujo pano de fundo é o racismo e uma visão preconceituosa da África e dos africanos, não encontra paralelo para nenhuma outra situação.

Por exemplo, nenhum estudioso põe em dúvida que o profundo conhecimento matemático dos babilônios e dos maias foi eminentemente endógeno, ou seja, fruto de um dinamismo histórico-social próprio. Ninguém põe em questão a origem dos avanços técnicos dos chineses ou do mundo muçulmano.

Mas no caso do Grande Zimbabwe os colonialistas da ex-Rodésia, ao se depararem com as formidáveis muralhas erguidas por esta civilização, não se sentiram nem um pouco constrangidos em argumentar como tais construções teriam sido erguidas. Acintosamente, eles apelaram para a Bíblia: a grande metrópole teria sido obra dos fenícios, encaminhados para o interior da África a mando do Rei Salomão em pessoa.

Mais grave ainda, em seu afã em demonstrar que as ruínas do Grande Zimbabwe tiveram origem estrangeira, os “arqueólogos” rodesianos se incumbiram de “limpar” as ruínas do que foi categorizado como “lixo dos negros”. Isto é: premeditadamente eliminando sinais que justamente comprovavam que esta civilização se desenvolveu a partir de populações locais do tronco Bantu.

Todavia, ninguém pode se deixar enganar sobre o intuito real destas explicações aberrantes. Apesar de tudo o que se fala do continente ele desperta enorme interesse. As potencialidades da África foram e continuam a ser importantes para o mundo todo. Ou será que o Presidente Bush visitou a Libéria em 2008 a troco de nada? E as intervenções estrangeiras realizadas na África, estariam elas movidas por interesses humanitários, desvinculadas de ambições materiais?

E se a África não tem nenhum valor, como explicar que os colonialistas tiveram que ser expulsos de muitos países do continente apenas depois de prolongados processos de guerras de libertação?

O fato é que o preconceito racial mascara uma enorme cobiça pela capacidade produtiva e pelo potencial que o continente suscita. Desqualificar caminha de mãos juntas com dominar e tomar posse.

Creio que é neste ponto que podemos pensar uma ampliação e um aprofundamento da nossa relação enquanto brasileiros com a África. Como deve ter ficado evidente ao longo do curso que vocês acompanharam, as políticas de ação afirmativa e o Decreto nº. 10.639, que torna obrigatório o conteúdo da afro-educação, ambas tem por interface complementar uma abertura do Brasil para com o continente. Estas políticas são interdependentes entre si por que uma não existe sem a outra.

Outro dado é que o Brasil e a África vivem problemáticas comuns, que podem ser vencidas conjuntamente. Gosto sempre de lembrar que o jornal O Estado de S. Paulo, numa matéria publicada no ano passado, mostrou, para espanto de muitos leitores, o quanto a realidade urbana brasileira não se diferencia, concretamente, daquela que caracteriza o continente irmão.

A reportagem que estou citando não deixava dúvida nenhuma. Ela registrava que o Brasil não propriamente se igualava, mas *ultrapassava* muitas nações da África em quesitos como a desigualdade social, no geral interpretada pelo senso comum como típica do continente africano ¹³. Ou seja, ao contrário do que supõe um equivocado senso comum, o Brasil é muito mais semelhante com a África do que comumente se imagina.

Acredito, pois que precisamos mudar nosso mapa mental, entender que a África é nossa parceira e que a questão da afro-educação interessa a todos os brasileiros, sejam eles afrodescendentes ou não.

Tenho sido insistente em colocar que não construiremos uma cidadania real no Brasil deixando de lado o quanto nossa identidade nacional se associa à África, expectativa que se articula com a busca da verdade, uma verdadeira redescoberta da África, pondo em cheque os mitos e as inverdades tecidas contra o continente, seus povos e suas culturas.

Por isso mesmo, neste momento final da minha conferência, gostaria de recordar um excelente conto dos Iorubá, etnia que habita a Nigéria e o Benin, sobre a criação do

mundo. Numa linguagem metafórica, ele esclarece quanto aos desafios que devemos enfrentar neste caminho. Senão vejamos:

Olofi, o Senhor que tudo criou - o bem e o mal, o bonito e o feio, o claro e o escuro, o grande e o pequeno, o cheio e o vazio, o alto e o baixo - criou também a Verdade e a Mentira.

No entanto, fez a Verdade forte, marcante, bela, luminosa; e fez a Mentira fraca, feia, opaca. Ao ver assim a Mentira, deu a ela uma foice com a qual pudesse se defender.

A Mentira sentiu inveja da Verdade e queria eliminá-la. Certa ocasião a Mentira se defrontou com a Verdade e a desacatou. Brigaram. Empunhando sua foice, a Mentira, com um golpe, degolou a Verdade.

Esta, vendo-se sem cabeça, começou a procurá-la tateando por volta. Apalpa um crânio que supõe ser seu. Com esforço agarra-o e o arrancando de onde estava, coloca-o sobre seu pescoço. Mas aquela era a cabeça da Mentira.

Desde então, a verdade anda por aí enganando toda a gente.

Pelo que é possível perceber, existe muito trabalho pela frente, pois tudo foi invertido, virado de cabeça para baixo. Pois então, comecemos imediatamente a esclarecer as pessoas. Partamos também para afirmar nossos vínculos com a África e, portanto, com nós mesmos, brasileiros de todos os rincões e de todas as origens.

Conforme vocês aprenderam no curso, não é possível dissociar Africanidade de Brasilidade. Creio que é isso. Sigamos esta orientação com determinação e vontade.

Muito obrigado pela atenção e até a próxima!

(Aplausos)

¹ **A Redescoberta da África** é um texto que resulta da Transcrição da Conferência “A Temática Africana em Sala de Aula”, proferida por Maurício Waldman, no dia 25 de junho de 2009, entre as 20:00 e 22:00 horas, evento de encerramento da edição do ano de 2009 do Curso Introdução aos Estudos de África, promovido pelo Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). A presente edição deste texto, cujo nome foi atualizado com vistas à inserção editorial na Série Africanidades, incorpora revisão ortográfica, cautelas de estilo e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF, masterizada pela **Editora Kotev (2017, Kotev ©)**, para fins de acesso livre na Internet. No mais, foram agregadas várias notas explicativas visando situar público mais amplo no temário da conferência assim como oito figuras, que de igual modo como na conferência, auxiliam na compreensão do que está sendo explicado pelo palestrante. Todas estas imagens integraram a conferência proferida de 2009. A confecção da edição digital contou com a Assistência de Editoração Eletrônica, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, Contato E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Home-page: www.harddesignweb.com.br. Anote-se que editorialmente **A Redescoberta da África** é um material gratuito, sendo vedada qualquer modalidade de reprodução comercial e igualmente, de divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev**. A citação de **A Redescoberta da África** deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor e ao texto conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *A Redescoberta da África*. Série Africanidades Nº. 18. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

² **MAURÍCIO WALDMAN** é professor universitário, pesquisador acadêmico, editor, jornalista, consultor e antropólogo africanista, com Graduação em Sociologia (USP, 1982), Mestrado em Antropologia (USP, 1997), Doutorado em Geografia (USP, 2006), Pós-Doutorado em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós-doutorado em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015). Dois dos títulos das pesquisas do autor, Mestrado em Antropologia (USP, 1997) e Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013), constituem trabalhos com área de concentração em África. Waldman foi colaborador de Chico Mendes (1988), integrou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1988-1990) e atuou como membro da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção São Paulo (AGB-SP, 2002-2003). No campo do conhecimento africanista, atuou como consultor internacional da Câmara de Comércio Afro-Brasileira (2013-2017), e durante dez anos (2004-2014), como professor nos cursos de difusão cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Waldman foi consultor do Instituto Paulo Freire no campo temático de África e realidade negra brasileira, também desenvolvendo palestras e conferências sobre África & Africanidades em dezenas de cidades brasileiras. Maurício Waldman responde pela autoria de 210 artigos, resenhas, projetos e textos científicos centrados no temário de África & Africanidades. Dentre outros veículos de mídia impressa, os textos de Waldman foram regularmente publicados pela revista *África* (CEA-USP), *Jornal*

Cultura (Luanda, Angola), revista Brasil-Angola Magazine (São Paulo), revista Contemporartes (Curitiba) e Portal Instituto Afro (São Paulo). É autor de *Africanidade, Espaço e Tradição: A Topologia do Imaginário Espacial Tradicional Africano na fala griot sobre Sundjata Keita do Mali* (Revista África, coedição CEA-USP/Editora Humanitas, 1997-1998, volume 20/21, pp. 219-268), *paper* considerado internacionalmente relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), o mais influente centro de investigações mantido pelo governo da França (Confira Ficha Catalográfica: < http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra_2017_kotev.pdf >). Maurício Waldman é coautor de *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula* (Cortez Editora, 2007), obra de referência no campo africanista brasileiro.

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Verbete Wikipedia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman **Contato**

Email: mw@mw.pro.br

³ Note-se que a terminologia “tribal”, comumente aplicada para a organização social do continente, terminou transformada em um sério expediente de manipulação, até por que em si mesma, a expressão incorpora forte adjetivação negativa. Deste modo, quando ocorrem conflitos com grupos minoritários na França (caso dos bretões) ou na Espanha (bascos, catalães), a imprensa se refere a *conflitos regionais*, ou ainda, *culturais*; no caso do confronto dos chechenos com o governo russo, os meios de informação falam a respeito de *conflitos étnicos*; Mas, quando o palco dos conflitos é a África, aí sim teríamos os malfadados *conflitos tribais*, ou seja, lutas entre grupos atrasados e mergulhados no primitivismo social.

⁴ Atente-se que estereotipia procede do grego *στερεός* (stereos), “firme”, “concreto” “sólido” e de *τύπος* (typos), “impressão”. Consequentemente, estereotipia configura contexto pelo qual conceitos imaginários conquistam concrecência. Ou seja: passam a integrar o modelo de percepção das pessoas, auferindo com isso inserção na materialidade social, independentemente de existirem ou não.

⁵ *Griot* é a denominação de cunho genérico que identifica os portadores da história oral na África ocidental.

⁶ Vide Ficha Catalográfica CNRS: http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra_2017_kotev.pdf .

⁷ Em 2017, este material foi publicado sob os auspícios da Editora Kotev (Kotev ©), na forma de *e-book* sob o título de *Espaço, Africanidade e Tradição: A topologia do imaginário espacial tradicional africano na fala griot sobre Sundjata Keita, Imperador do Mali, Senhor do Umbigo do Mundo*. Adotou como texto base o *paper* indexado ao CNRS, revisado e ampliado sem abrir mão de preservar os motes e as características originais do ensaio, ao qual foram agregadas várias normatizações editoriais, mais informação, cautelas de estilo, notas de rodapé e novas imagens, assim como as regras atualmente vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa. Mais informação: <http://kotev.com.br/?product=espaco-africanidade->

[e-tradicao](#) .

⁸ No Antigo Testamento, Cam, um dos filhos de Noé - considerado ancestral bíblico das populações africanas - teria zombado do pai, recaindo sobre ele o estigma da escravidão (Gênesis, 9: 23-27). *Por outro lado, ressalve-se que não consta nenhuma indicação bíblica de que Cam fosse negro*. Na Bíblia, os camitas referem-se a um conjunto de povos diferentes entre si, incluindo desde populações identificadas com a orla africana do Mar Vermelho e outras populações entendidas como levantinas e/ou mesopotâmicas (Cf. Gênesis, 10: 6-20).

⁹ Gerhard Mercator é a forma latinizada como o geógrafo flamengo Gerhard Kremer (1512-1594), considerado pai da cartografia moderna, tornou-se conhecido.

¹⁰ A respeito da temática da desqualificação da África pela cartografia eurocentrada e pelo atlas escolar, assim como os vínculos que ambos mantém com o racismo, veja-se a obra *O Mapa de África em Sala de Aula: A Persistência do Imaginário da Desqualificação e do Racismo na Cartografia Escolar de África* (Editora Kotev, 2017), de Maurício Waldman. Mais informação: <http://kotev.com.br/?product=255> .

¹¹ Embora considerada como “nova”, assinale-se que esta projeção foi primeiramente criada no Século XIX pelo clérigo escocês James Gall, apenas ganhando notoriedade com a divulgação promovida pelo jornalista e historiador alemão Arno Peters.

¹² *Ossaym* é uma clara referência ao orixá das ervas, considerado muito poderoso tanto na África como no Brasil.

¹³ “Relatório sobre o Estado das Cidades Mundiais 2008/09, divulgado ontem pela ONU, mostra que a desigualdade nas maiores cidades da América Latina está no mesmo nível de um conjunto de 26 cidades africanas. O grupo de 19 cidades da América Latina e do Caribe apresentou coeficiente Gini de 0,55, ante 0,54 para as 26 cidades africanas selecionadas pela ONU. São Paulo está no mesmo nível de Bogotá (0,61), na Colômbia, mas o índice na capital foi superior, por exemplo, ao de Nairóbi (0,59), no Quênia” (Cf. jornal O Estado de S. Paulo (OESP), edição de 23-10-2008, Caderno Metrópole, página C12).

EBOOK ON LINE SOBRE O PRECONCEITO NO ATLAS ESCOLAR

MAURÍCIO WALDMAN



**O MAPA DE ÁFRICA EM SALA DE AULA:
A Persistência do Imaginário da Desqualificação e do
Racismo na Cartografia Escolar de África**



EDITORA KOTEV

ÁFRICA & AFRICANIDADES: Coleção Acadêmica 2

http://www.mw.pro.br/mw/o_mapa_de_africa_em_sala_de_aula.pdf

TÍTULOS PARA REPENSAR O CONTINENTE AFRICANO

AS MAGNÍFICAS BIBLIOTECAS DO IMPÉRIO DO MALI

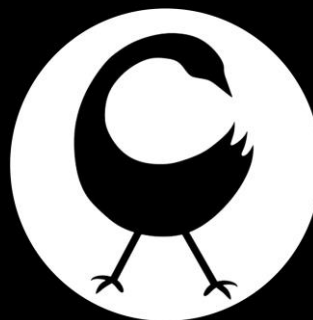


MAURÍCIO WALDMAN



http://mw.pro.br/mw/africanidades_08.pdf

REFLEXÕES SOBRE A SABEDORIA AFRICANA: Romper, Rever e Repensar em Sankofa



Maurício Waldman



http://mw.pro.br/mw/africanidades_12.pdf

A ÁFRICA TRADICIONAL



MAURÍCIO WALDMAN



http://mw.pro.br/mw/africanidades_15.pdf

LIÇÕES DA MÃE ÁFRICA: O Exemplo das Mobilizações Ambientalistas



MAURÍCIO WALDMAN

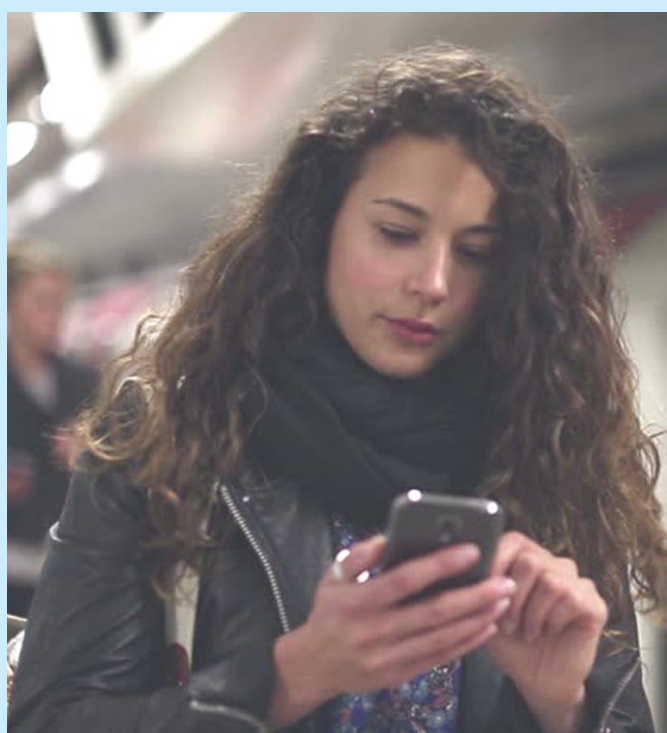


http://mw.pro.br/mw/africanidades_19.pdf

CONHEÇA A SÉRIE AFRICANIDADES



<http://mwtextos.com.br/serie-africanidades/>



EDITORA KOTEV

Sintonizada com
o Futuro Digital

EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Os debates sobre **ÁFRICA & AFRICANIDADES** são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com **RELAÇÕES INTERNACIONAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página: <http://kotev.com.br/>
Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo: atendimento@kotev.com.br